



A INFLUÊNCIA DA AUTOIDENTIFICAÇÃO PATOLÓGICA NA SAÚDE MENTAL DE JOVENS NA ERA DIGITAL

Jaina Valéria de Souza Lima¹
João Raimundo dos Santos Silva Júnior²
Neiviane da Silva Cordeiro³

RESUMO: Este artigo teve como objetivo apresentar uma revisão integrativa da literatura para compreender a influência das redes sociais digitais na autoidentificação de psicopatologias entre os adolescentes no Brasil, um fenômeno social relevante e cada vez mais presente na realidade contemporânea. A revisão foi norteada pelos descritores tecnologia, redes sociais, identidade, relações interpessoais, adolescência, autodiagnóstico e autopatologização, com publicações de autores de referência na área encontradas nas bases de dados eletrônicas (BVS; SCIELO e PEPSIC), referentes ao período de 2009 a 2023, indexadas. Foram catalogados 100 artigos e, com base nos critérios de inclusão, o estudo final contou com 10 artigos. A pesquisa buscou analisar as influências das redes sociais digitais na autoidentificação de psicopatologias durante a adolescência por meio de quatro categorias distintas: A Juventude Atual e sua Relação com as Novas Tecnologias de Comunicação; Contextualizando Saúde Mental nos Adolescentes; Internet e o Impacto das Redes Sociais na Saúde Mental dos Adolescentes; Saúde Mental, Autodiagnóstico e os Riscos do Autodiagnóstico pela Internet nos Adolescentes.

Palavras-chave: Autodiagnóstico. Autopatologização. Dependência as redes sociais.

ABSTRACT: This article aims to present an integrative literature review to understand the influence of digital social networks on the self-identification of psychopathologies among adolescents in Brazil, a relevant social phenomenon increasingly present in contemporary reality. The review was guided by the descriptors technology, social network, identity, interpersonal relationships, adolescence, self-diagnosis and self-pathologization, with publications of reference authors in the field found in electronic databases (BVS; SCIELO and PEPSIC), covering the period from 2009 to 2023. One hundred articles were catalogued and, based on the inclusion criteria, the final study included 10 articles. The research sought to analyze the influences of digital social networks on self-identification of psychopathology during adolescence through four distinct categories: Contemporary youth and their relationship with new communication technologies; Contextualizing adolescent mental health; The Internet and the impact of social networks on adolescent mental health; Mental health, self-diagnosis, and the risks of self-diagnosis via the Internet in adolescents.

Keywords: Self-Diagnosis. self-pathologization. Social Media Addiction.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: jaina.lima@aluno.fbnovas.edu.br

² Orientador do trabalho. Doutor em Psicologia da Educação. Professor do Curso de Psicologia. E-mail: joao.silva@fbnovas.edu.br

³ Coorientadora do trabalho. Especialista em Pós graduação em Psicologia Organizacional e do Trabalho. Professora do Curso de Psicologia. E-mail: neiviane.cordeiro@fbnivas.edu.br



1 INTRODUÇÃO

O uso da tecnologia, em suas diversas expressões, tem se mostrado um elemento central no cotidiano da sociedade brasileira. Desde os primórdios da civilização, o ser humano tem utilizado ferramentas e técnicas como instrumentos essenciais para a sobrevivência e a interação com o ambiente. O presente estudo aborda a influência das redes sociais digitais na autoidentificação de psicopatologias no período da adolescência no Brasil. Conforme destacado por Costa (2009), as tecnologias têm estado disponíveis ao homem desde os tempos em que este começou a registrar sua existência nas paredes das cavernas. Ao longo dos séculos, essas tecnologias foram se aperfeiçoando e se diversificando, adaptando-se às necessidades emergentes de diferentes segmentos sociais.

Cada fase do desenvolvimento humano apresenta maneiras distintas de conexão com a tecnologia, refletindo suas necessidades. Segundo Brasil (2008), enquanto crianças iniciam o uso por meio de jogos e atividades lúdicas, os adolescentes frequentemente se conectam via aplicativos de mensagens e redes sociais, buscando interação social. Para adultos e idosos, a utilização das tecnologias também segue essa lógica, adaptando-se ao seu contexto de vida. Essa diversidade nas formas de interação destaca como cada faixa etária busca diferentes experiências e conexões na tecnologia, evidenciando a importância de entender essas particularidades.

Nesse contexto, Silva e Gondim (2021), fala que a identidade é o elemento que possibilita ao sujeito a conscientização de sua própria existência. Para que esse processo de conscientização se efetive, é imprescindível existir uma diferenciação em relação ao outro. É somente ao reconhecer o outro como distinto que se pode desenvolver, no sujeito, a consciência identitária. Nesse contexto, os avanços das tecnologias digitais desempenham um papel significativo nas interações interpessoais, potencializando a construção dessa identidade.

Esse processo é inerente a maturidade psicológica, a qual pode ser compreendida a partir de duas perspectivas desenvolvimentistas. A primeira consistindo no âmbito social: a construção da própria identidade, a independência dos pais, a apropriação de um sistema de valores e a instituição de relacionamentos significativos. A última se caracteriza na esfera intrapsíquica: o desenvolvimento da autonomia, autocontrole e responsabilidade pessoal (PAPALIA, 2013). Dessa maneira, a idade cronológica não define a maturidade, pois ela é mais um estado de espírito contínuo do que um evento pontual.



Levando em consideração o papel das redes sociais, seriados e novelas na vida dos adolescentes, Lévy (1997) apud Silva e Gondim (2021), caracteriza essas multimídias como Ciberespaço, enfatizando a prática de comunicação interativa, recíproca e comunitária que elas viabilizam. Para os adolescentes, essas plataformas configuram-se como espaços de afirmação subjetiva, permitindo a interação contínua com seus semelhantes. A modalidade contemporânea de inserção social proporcionada pelas tecnologias digitais resulta em novas formas de pertencimento e contribui para a definição da identidade (DIAS; et al, 2019). Assim, os meios digitais desempenham um papel relevante no processo de interação social e na construção da identidade dos indivíduos. Este fenômeno demanda uma análise cuidadosa das dinâmicas envolvidas nas interações mediadas por tecnologia, considerando a complexidade das relações estabelecidas nesse contexto.

Silva, Silva e Moraes (2014), discutem a dualidade da internet como um recurso tecnológico. Entre os benefícios destacados, a internet facilita o acesso à informação, promovendo a educação e o compartilhamento de conhecimentos. Além disso, possibilita a comunicação instantânea e a formação de comunidades virtuais, contribuindo para a construção de relações sociais. No entanto, as autoras também abordam as fragilidades associadas ao uso da internet. A exposição excessiva às redes sociais pode gerar problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão.

Além disso, a propagação de informações falsas e a ausência de privacidade configuram preocupações relevantes no contexto digital. Essa dinâmica pode levar os indivíduos que consomem conteúdo online, especialmente os adolescentes, a realizarem autodiagnósticos inadequados de condições de saúde mental. Isso ocorre frequentemente em virtude da exposição a vídeos ou cenas de novelas e séries que retratam sintomas associados a transtornos mentais, levando-os a acreditar que também apresentam tais condições.

A pesquisa se concentra na análise das influências das redes sociais digitais na autoidentificação de psicopatologias, considerando o contexto brasileiro e a faixa etária da adolescência. A escolha do tema se justifica pela relevância da questão da saúde mental entre os adolescentes na era digital. A exposição constante a conteúdos que abordam questões de saúde mental pode levar à formação de percepções distorcidas sobre suas próprias condições.

Esse contexto psicossocial motivou o interesse a responder: Qual é a influência das redes sociais digitais na autoidentificação de psicopatologias entre os adolescentes no Brasil? Para este estudo, foi conduzido uma pesquisa bibliográfica integrativa, pautada na epistemologia



qualitativa, norteadas pelo enfoque descritivo (GIL, 2010), a qual teve como objetivo analisar as influências das redes sociais digitais na autoidentificação de psicopatologias no período da adolescência no Brasil. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico, utilizando fontes primárias e secundárias, sendo que as informações coletadas foram realizadas por meio de análise de literatura científica relevante, abrangendo estudos nacionais. Dessa forma, os resultados indicam que os adolescentes são vítimas de uma toxicidade, marketing e campanhas digitais diárias que os adoecem.

O estudo e o desenvolvimento de trabalho pauta sobre a influência da autoidentificação patológica na saúde mental de jovens na era digital é de extrema relevância tanto para a comunidade civil quanto para a acadêmica, especialmente no campo da psicologia. Na era da informação instantânea, os jovens têm acesso a uma variedade imensa de conteúdos que abordam questões de saúde mental, o que pode levar à formação de percepções distorcidas sobre suas próprias condições. Esse fenômeno é conflitante, pois o autodiagnóstico pode resultar em interpretações errôneas sobre sintomas e transtornos, levando à estigmatização e à busca inadequada por tratamento.

2 A INFLUÊNCIA DA AUTOIDENTIFICAÇÃO PATOLÓGICA NA SAÚDE MENTAL DE JOVENS NA ERA DIGITAL

Esta pesquisa, baseada no método descritivo de Gil (2010), realizou uma análise qualitativa dos artigos apresentados na Tabela 1. Como resultado, emergiram quatro categorias analíticas relevantes, que serão objeto de análise detalhada nas seções subsequentes: A Juventude Atual e sua Relação com as Novas Tecnologias de Comunicação; Contextualizando Saúde Mental nos Adolescentes; Internet e o Impacto das Redes Sociais na Saúde Mental dos Adolescentes; Saúde Mental, Autodiagnóstico e os Riscos do Autodiagnóstico pela Internet nos Adolescentes. Essa análise será realizada de forma objetiva e imparcial, visando contribuir para uma compreensão mais profunda dos temas abordados.

2.1 A Juventude Atual e sua Relação com as Novas Tecnologias de Comunicação

A juventude pode ser vista tanto como ideal social alimentado pela crença na junção entre uma suposta natureza adolescente e um corpo de adulto, quanto como seu avesso, na figura do jovem “problemático” como aquele que não corresponde ao ideal imaginário imposto



(PEREIRA e GURSKI, 2014). Diferentes autores argumentam que nossa forma de compreender e de lidar com os jovens é em muito influenciada por concepções de juventude construídas histórica e socialmente, as quais não contribuem para uma análise da diversidade e das especificidades dos sujeitos jovens na contemporaneidade (ABRAMO, 1997; SPOSITO, 1997; DAYRELL, 1999; 2003).

Dentre essas concepções, destacamos aquelas que associam a juventude aos problemas sociais, a um período de crises e de conflitos, e à ideia de transitoriedade. Tais concepções, além de encararem a juventude de forma negativa, apresentam-se como critérios rígidos e homogêneos, a partir dos quais “[...] não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens [...] constroem as suas experiências” (DAYRELL, 1990, p. 41).

Diante disso, torna-se necessário encarar a juventude como uma categoria construída a partir de critérios históricos, culturais e sociais. Compreender as vivências e as especificidades dessa etapa da vida na atualidade, portanto, implica analisar, de modo mais aprofundado, o próprio contexto contemporâneo. Diante das transformações presentes em nosso meio social e cultural, é necessário compreender que, na sociedade contemporânea, vêm se modificando igualmente os próprios critérios e os referenciais que delimitam os conceitos de adolescência e juventude enquanto etapa da vida do ser humano, bem como a(s) forma(s) de ser dos jovens. Entendemos, portanto, que a juventude, na sociedade atual, possui características que divergem, por exemplo, da juventude de séculos anteriores, e que as mudanças pelas quais vem passando a sociedade trazem consigo a necessidade de olharmos mais atentamente para os jovens.

Para a Organização das Nações Unidas (ONU), são considerados jovens os sujeitos na faixa etária compreendida entre 15 e 24 anos. No Brasil, instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fundamentam-se esses critérios, admitindo, contudo, variações em função das situações sociais e das experiências individuais dos sujeitos (FREITAS, 2005). Para Papalia (2013), os adolescência abrange aproximadamente os 11 aos 20 anos, embora essa faixa etária possa variar conforme a cultura e a nacionalidade. Essa fase é marcada por decisões importantes e por rápidas mudanças nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais.

A juventude atual pertence a uma geração que possui uma gama de plataformas de comunicação digital, dentre eles estão o Instagram, TikTok, WhatsApp, dentre outros, tornando nesses meios indispensáveis em suas vias cotidianas. Observa-se uma alteração significativa no humor dos jovens quando há falhas na conexão à internet em seus lares, dificuldades ao acesso



ao WI-FI em locais públicos, ou esgotamento de cotas de dados móveis. Essa situação é acompanhada por um descontentamento evidente em seus sentimentos de angústia, fletindo a urgências em restaurar a conectividade o mais rapidamente possível (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2014).

A internet transformou-se em um dos principais meios de comunicação e interação social na vida dos adolescentes contemporâneos. Desde o surgimento das redes sociais até o acesso instantâneo a informações, a web oferece um vasto universo de oportunidades e desafios para essa faixa etária. De acordo com dados recentes, mais de 90% dos jovens têm acesso à internet, e muitos passam várias horas por dia conectados a dispositivos digitais. Essa realidade revisita questões importantes sobre o impacto da tecnologia no desenvolvimento emocional, social e acadêmico dos adolescentes (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2014)

Por um lado, a internet proporciona um espaço para que os jovens explorem suas identidades, se conectem com amigos e participem de comunidades que refletem seus interesses. Plataformas digitais permitem que eles compartilhem experiências, troquem ideias e se expressem de maneiras que antes não eram possíveis. No entanto, essa conectividade também está associada a riscos significativos, como a exposição a conteúdos inadequados, cyberbullying e problemas de saúde mental relacionados ao uso excessivo das redes sociais (CAETANO, MIRANDA, SOROMENHO, 2010).

À medida que os adolescentes navegam por esse ambiente digital complexo, é crucial entender como essa interação influencia suas vidas. A forma que eles utilizam a internet pode moldar não apenas suas relações sociais, mas também sua autoestima e bem-estar emocional. Portanto, discutir os efeitos da internet sobre os adolescentes é fundamental para promover um uso saudável e equilibrado das tecnologias digitais (CAETANO, MIRANDA, SOROMENHO, 2010).

2.2 Contextualizando Saúde Mental nos Adolescentes

A saúde mental é um conceito multidimensional que abrange o bem-estar emocional, psicológico e social dos indivíduos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde mental é definida como um estado de bem-estar em que uma pessoa reconhece suas próprias capacidades, pode lidar com as tensões normais da vida, trabalhar de forma produtiva e contribuir para sua comunidade. Essa definição ressalta que a saúde mental não se limita à



ausência de doenças mentais, mas envolve uma série de fatores que influenciam a qualidade de vida.

Nos adolescentes, a saúde mental assume uma relevância ainda mais crítica devido às diversas transformações que ocorrem durante essa fase do desenvolvimento. A adolescência é um período caracterizado por mudanças físicas, emocionais e sociais significativas. Durante essa etapa, os jovens enfrentam desafios como a construção da identidade, pressões acadêmicas, dinâmicas familiares complexas e a influência crescente das redes sociais. De acordo com Erikson (1979), um dos principais teóricos do desenvolvimento humano, a adolescência é marcada pela crise de identidade, onde os indivíduos buscam entender quem são e qual o seu lugar no mundo. Essa busca pode gerar sentimentos de ansiedade e confusão, tornando os adolescentes particularmente vulneráveis a transtornos mentais.

Estudos demonstram que transtornos mentais frequentemente se manifestam na adolescência. A literatura indica que aproximadamente 50% dos transtornos mentais têm início antes dos 14 anos (KESSLER et al., 2005). Transtornos como depressão, ansiedade e transtornos de conduta são frequentemente diagnosticados nesta faixa etária. A identificação precoce desses transtornos é fundamental para a implementação de intervenções eficazes que possam mitigar os impactos negativos na vida dos jovens. Em muitos casos, o tratamento precoce não só melhora a qualidade de vida dos adolescentes afetados, mas também reduz o risco de recorrências na vida adulta.

A promoção da saúde mental entre os adolescentes deve ser uma prioridade em políticas públicas e programas educacionais. Intervenções que promovem resiliência, habilidades sociais e autocuidado têm se mostrado eficazes em ambientes escolares. Programas que ensinam habilidades socioemocionais ajudam os jovens a desenvolverem competências essenciais para enfrentar desafios diários e melhorar sua capacidade de lidar com estresse. Um estudo realizado por Durlak et al. (2011) concluiu que programas de desenvolvimento social-emocional podem resultar em melhorias significativas no comportamento dos alunos e em seu desempenho acadêmico.

Além disso, é importante considerar fatores contextuais e sociais na compreensão da saúde mental dos adolescentes. Pesquisas indicam que condições socioeconômicas desfavoráveis, falta de suporte familiar adequado e relações interpessoais problemáticas são determinantes significativos do bem-estar psicológico nessa faixa etária (PATTON; et al., 2016). O ambiente em que os adolescentes estão inseridos desempenha um papel crucial no seu



desenvolvimento emocional e psicológico. Assim, estratégias que envolvem pais, educadores e comunidades são essenciais para criar um ambiente favorável à saúde mental.

Outro aspecto relevante é o impacto das redes sociais na saúde mental dos adolescentes que será exposto de forma mais detalhada no decorrer deste trabalho, mas embora essas plataformas possam proporcionar oportunidades de socialização e expressão pessoal, elas também podem ser fontes significativas de estresse e comparação social. Estudos sugerem que o uso excessivo das redes sociais pode estar associado ao aumento da ansiedade e da depressão entre os jovens (TWENGE; et al., 2019). Portanto, promover um uso saudável dessas tecnologias é fundamental para proteger o bem-estar emocional dos adolescentes.

Dessa forma, a saúde mental representa um componente essencial do desenvolvimento saudável dos adolescentes. Reconhecer os desafios específicos enfrentados por essa população é fundamental para promover intervenções adequadas que possam contribuir significativamente para seu bem-estar emocional e psicológico. A colaboração entre escolas, famílias e comunidades é crucial para criar ambientes que favoreçam a saúde mental dos jovens, garantindo assim um futuro mais saudável e produtivo.

2.3 Internet e o Impacto das Redes Sociais na Saúde Mental dos Adolescentes

A internet tem suas raízes na Guerra Fria, quando foi criada a Arpanet nos Estados Unidos para garantir a sobrevivência de um sistema de comunicação descentralizado em caso de ataque, tendo suas atualizações e expansão no decorrer da história da humanidade. A internet revolucionou como nos comunicamos e realizamos tarefas do dia a dia, tornando-se essencial na sociedade contemporânea. Com a possibilidade de atravessar fronteiras e reduzir distâncias, a internet oferece acesso a uma vasta gama de informações e ferramentas atrativas e fáceis de usar. Segundo Moreira (2010), a conveniência de realizar atividades como trabalhar, pesquisar em bibliotecas virtuais, adquirir produtos de qualquer lugar do mundo e interagir em salas de chat a qualquer hora do dia tem atraído cada vez mais adeptos para esse meio de comunicação.

Cardoso (1998) destaca que os usuários da internet e do ciberespaço buscam não apenas informação, mas também um senso de pertencimento, apoio e validação. O que frequentemente não conseguem encontrar no espaço físico com amigos, família ou na sociedade, procuram encontrar no ciberespaço. De acordo com Augé (1994), os meios digitais agora são parte integrante da vida cotidiana, mediando a produção e influenciando as relações sociais em



diversos contextos. Como afirmado por Amaral, Reis, Lopes e Quintas (2017), essa nova forma de comunicação cria uma rede de interações sociais, onde as relações são moldadas por práticas digitais, envolvendo dispositivos, sistemas e conteúdo online. Isso redefine a maneira como as relações são construídas, não mais centradas em contato físico ou gestos, mas sim, mediante telas, facilitando o acesso, a disponibilidade e a rapidez das interações, todas mediadas pela internet.

Conforme estudam comprovaram, as redes sociais possuem um papel de grande impacto no desenvolvimento pessoal e social dos adolescentes/jovens. De acordo com Prados (2006), mencionado por Marques e Silva (2008), as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) desempenham um papel crucial como agentes de socialização, influenciando a formação dos jovens, seus estilos de vida, métodos de aprendizagem, interações sociais e até mesmo seus padrões de pensamento. Da mesma forma, King (1996), citado por Razzouk (1998), observa que esses ambientes virtuais proporcionam aos usuários uma gratificação imediata, atendendo desde suas necessidades básicas até as mais complexas, como relacionamentos interpessoais e reconhecimento social. Esses sistemas também oferecem reforços imediatos para comportamentos e necessidades que podem não ser atendidas no mundo real, permitindo a expressão de características de personalidade que talvez não sejam evidentes no cotidiano.

Pode-se confirmar que, as redes sociais têm se tornado uma parte integral da vida cotidiana dos jovens, proporcionando novas formas de comunicação, interação e expressão. No entanto, a crescente presença dessas plataformas levanta preocupações sobre seus impactos na saúde mental dessa faixa etária. De acordo com Twenge et al. (2018), o uso intensivo das redes sociais está associado a um aumento nos sintomas de depressão e ansiedade entre os adolescentes.

Por um lado, as redes sociais oferecem oportunidades para a construção de relacionamentos e o fortalecimento de laços sociais. Elas permitem que os jovens se conectem com amigos e familiares, compartilhem experiências e encontrem comunidades que refletem seus interesses e identidades. A interação social online pode proporcionar um suporte emocional significativo, especialmente para aqueles que enfrentam dificuldades em suas interações presenciais (VALKENBURG & PETER, 2011).

Por outro lado, o uso excessivo ou inadequado das redes sociais pode contribuir para uma série de problemas de saúde mental. Pesquisas apontam que a exposição constante a conteúdos idealizados e comparações sociais pode levar a sentimentos de inadequação. Como



afirmam Perloff (2014), "a comparação social nas redes sociais pode resultar em um aumento da insatisfação corporal e da depressão". O fenômeno do "cyberbullying" também se destaca como um fator de risco, uma vez que assédios virtuais podem causar danos profundos à saúde emocional dos jovens (KOWALSKI; et al., 2014).

Além disso, o tempo excessivo gasto em plataformas digitais pode interferir no sono e na qualidade das atividades diárias, contribuindo para o aumento da ansiedade e do estresse. A necessidade de validação social por meio de "likes" e comentários gera uma dependência emocional em relação ao feedback recebido online. Como ressalta Kross et al. (2013), "o uso das redes sociais está relacionado a um aumento da sensação de solidão e à diminuição do bem-estar".

É importante destacar que os impactos das redes sociais não são homogêneos; variam conforme fatores individuais, como personalidade, resiliência e contexto social. Portanto, é vital promover uma abordagem equilibrada ao uso dessas plataformas, incentivando práticas saudáveis que favoreçam o bem-estar psicológico.

Em conclusão, as redes sociais exercem uma influência complexa sobre a saúde mental dos jovens. Enquanto oferecem oportunidades valiosas para conexão e apoio social, também apresentam riscos significativos que devem ser considerados. A compreensão desses impactos é essencial para desenvolver intervenções eficazes que promovam um uso saudável das tecnologias digitais entre os jovens.

2.4 Saúde Mental, Autodiagnóstico e os Riscos do Autodiagnóstico pela Internet nos Adolescentes.

A saúde mental está relacionada ao como lidar com pensamentos, emoções, controlar os impulsos e comportamentos, de forma que não gere comorbidades negativas para o ser humano. Na Juventude o viver é enxergado de forma mais intensa, devido ao seu processo ou fase de transição e por causa disso, as expectativas que regem sua vida na juventude são grandes. Há vários questionamentos que surgem nessa fase como: "o que estou pensando?" "o que estou sentindo?" "como me relaciono?" "será que faço isso ou não?", dentre outros.

Albert Bandura, destacou a importância do desenvolvimento de crenças sobre a própria capacidade na juventude. Segundo sua teoria da autoeficácia, os jovens constroem percepções sobre suas habilidades e competências, o que influencia significativamente sua maneira de



enfrentar os desafios de saúde mental. Ele argumentou que a autoeficácia desempenha um papel crucial na forma como os jovens lidam com questões relacionadas à saúde mental (BANDURA, 1997).

Aqueles que possuem uma crença sólida em sua capacidade de lidar com os desafios emocionais tendem a enfrentar adversidades com mais resiliência e eficácia. Por outro lado, os jovens com baixa autoeficácia podem enfrentar maior dificuldade em lidar com problemas de saúde mental, podendo experimentar sentimentos de desamparo e desesperança. Assim, o desenvolvimento de crenças sobre a própria capacidade na adolescência tem um impacto significativo na forma como os jovens enfrentam os desafios de saúde mental, influenciando suas atitudes, comportamentos e respostas emocionais diante das adversidades (FRANCO; RODRIGUES, 2018).

Os grupos sociais e a internet podem desempenhar papéis significativos na influência da autopatologização dos jovens contemporâneos. A interação com diferentes grupos sociais, incluindo amigos, colegas de escola e comunidades online, pode moldar as percepções dos adolescentes sobre saúde mental, bem como influenciar suas atitudes em relação a sintomas emocionais e comportamentais (GUERRA, 2023)

Em muitos casos, os jovens podem ser expostos a narrativas que promovem a dramatização ou exagero de experiências emocionais comuns, levando a uma interpretação distorcida de sintomas ou sentimentos como indicativos de problemas mais graves. As normas sociais dentro de determinados grupos também podem contribuir para a pressão de se encaixar em determinados padrões de comportamento ou expressão emocional, o que por sua vez pode influenciar a maneira que os adolescentes percebem e interpretam suas próprias experiências (REIS; SALGADO; REZENDE, 2021).

A internet desempenha um papel significativo ao fornecer acesso a uma ampla gama de informações sobre saúde mental, incluindo recursos legítimos e conteúdo potencialmente sensacionalista ou inadequado. As redes sociais e fóruns online podem expor os adolescentes a narrativas que glorificam ou romantizam transtornos mentais, o que pode levar à internalização de estigmas associados à busca de ajuda profissional ou ao desenvolvimento de uma visão distorcida de si (IDEM, 2021).

Quando os adolescentes/jovens se autodiagnosticam erroneamente ou interpretam de forma exagerada sintomas normais do desenvolvimento, isso pode resultar em ansiedade, desesperança e estigmatização. A autopatologização pode levar os jovens a evitarem situações



sociais, buscar comportamentos de risco ou experimentar um impacto negativo em sua autoestima e autoconfiança. O excesso de informações pode influenciar negativamente os adolescentes no que diz respeito à da autopatologização, especialmente, quando se trata de questões relacionadas à saúde mental. Com a sobrecarga de informações disponíveis, os adolescentes podem ser expostos a narrativas sensacionalistas, estereótipos prejudiciais e informações imprecisas sobre transtornos mentais, levando-os a interpretar erroneamente seus próprios sentimentos e comportamentos como indicativos de problemas graves (GRABOVSKI, 2021).

Além disso, a superexposição a conteúdos relacionados à saúde mental na internet e nas redes sociais pode contribuir para a internalização de estigmas e para a idealização ou romantização de transtornos mentais, levando os adolescentes a se identificarem de maneira equivocada com sintomas comuns da adolescência ou a interpretarem suas experiências emocionais de forma distorcida. O uso tecnológico exacerbado ou excessivo, proporciona o aparecimento de algumas alterações no padrão comportamental das pessoas, afetando diretamente as relações interpessoais, visto que o número de usuários tem aumentado desenfreadamente nos últimos dez anos, com a predominância de utilização por via de aparelhos com conexão móvel (MAZENOTTI, 2012).

O uso excessivo das redes sociais, combinado com outros fatores, pode levar ao desenvolvimento de algumas patologias. Isso ocorre porque alguns jovens acabam priorizando as interações digitais em detrimento das relações interpessoais presenciais e do tempo de lazer. Essa tendência é respaldada por dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que mostram que 41% dos jovens brasileiros apresentam sintomas de tristeza, ansiedade e depressão associados ao uso das redes sociais, corroborando os alertas feitos pelos autores sobre os efeitos negativos do excesso de uso dessas plataformas na adolescência. O uso excessivo e abuso da internet pode levar a uma variedade de sintomas preocupantes em jovens, incluindo problemas de saúde mental, dificuldades de concentração e relacionamento social (MATOS, GODINHO, 2024)

Ainda de acordo com Moreira (2017), várias síndromes tecnológicas emergiram como fenômenos recentes. A “Nomofobia”, por exemplo, descreve a ansiedade de estar desconectado, resultando em sentimentos de privação e distanciamento do mundo (MAZIERO; OLIVEIRA, 2016). Outra é a síndrome do “toque fantasma”, onde indivíduos constantemente checam seus dispositivos devido à sensação de vibração inexistente (ROSEN; HELEN; WAGNER, 2014).



A “Náusea digital” descreve o desconforto e tontura ao interagir com certos conteúdos digitais, como Gifs ou experiências em 3D (TURKLE, 2011). O “efeito Google” refere-se à diminuição da retenção de informação devido à facilidade de acesso à internet (CARR, 2010). E por último, a “síndrome da Cibercondria” descreve a tendência de se autodiagnosticar com base em informações encontradas online sobre doenças, (DEANGELIS, 2020). Moreira conclui que, embora a tecnologia tenha facilitado a vida cotidiana, também gerou uma necessidade constante de estar conectado, levando a ansiedade, dependência e estresse, e influenciando nosso estilo de vida e saúde.

3 METODOLOGIA

O trabalho se configura em uma pesquisa bibliográfica. A revisão integrativa é um método que se distingue pela reunião e síntese sistemática e ordenada de resultados de estudos relacionados a um tema ou objeto específico, como destacado por Botelho et al. (2011) e Mendes et al. (2008), ancorada na epistemologia qualitativa, seguindo o enfoque descrito (GIL, 2010). Para tanto, os pesquisadores realizaram um levantamento bibliográfico nos indexadores de revistas e arquivos de biblioteca online. Para isso, utilizaram-se os descritores: tecnologia, redes sociais, identidade, relações interpessoais e adolescência, autodiagnóstico, autopatologização. Sendo os critérios de inclusão do estudo contemplaram artigos publicados entre 2009 a 2023, disponíveis nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

A presente revisão integrativa foi realizada em seis etapas sequenciais, conforme a metodologia estabelecida para este tipo de revisão. As etapas foram as seguintes: 1. Elaboração da pergunta norteadora, que orientou a busca e a seleção da literatura relevante. 2. Busca ou amostragem na literatura, realizada em bases de dados e fontes de informação científica. 3. Coleta de dados, que envolveu a seleção e a extração de informações dos estudos incluídos. 4. Análise crítica dos estudos incluídos, que permitiu avaliar a qualidade e a relevância dos estudos selecionados. 5. Discussão dos resultados, que envolveu a interpretação e a integração dos achados dos estudos incluídos. 6. Apresentação da revisão integrativa, que resume os principais achados e contribuições da presente revisão.

Esta revisão integrativa foi conduzida pela seguinte pergunta de pesquisa: "Qual é a influência das redes sociais digitais na autoidentificação de psicopatologias entre os



adolescentes no Brasil?". Tal pergunta foi pautada na estratégia PICO (Quadro 1), que possui sensibilidade para abranger pesquisas qualitativas com foco nas experiências humanas e nos fenômenos sociais. A estratégia PICO foi aplicada da seguinte forma: P = População: Adolescentes no Brasil, I = Fenômeno de interesse: redes sociais digitais, C = Contexto: Autoidentificação de psicopatologias, O = Desfecho: Influência das redes sociais digitais na autoidentificação de psicopatologias entre os adolescentes no Brasil.

Quadro 1: Implementação da estratégia PICO: Brasil,2024.

Acrônimo	Definição	Aplicação
P	População, paciente ou problema estudado.	Adolescentes no Brasil
I	Interesse.	Fenômeno de interesse: Redes sociais digitais
C	Contexto	Autoidentificação de psicopatologias
O	Desfecho	Influência das redes sociais digitais na autoidentificação de psicopatologias entre os adolescentes no Brasil.

Fonte: Lima (2024).

A busca realizada a partir dos descritores supracitados retornou 100 obras empíricas, dos quais 19 eram duplicados, 31 estavam em língua estrangeira (15 artigos em língua inglesa, 10 em espanhol, 6 em francês), e 20 não se relacionavam à temática do presente artigo. Portanto, a partir dos critérios de inclusão e exclusão especificados, 10 artigos foram analisados, ou seja, 10 obras científicas foram analisadas na produção do trabalho.

Para uma melhor visualização dos resultados, os 10 estudos selecionados na amostra final foram organizados em ordem decrescente na Tabela 1. Esse instrumento permitiu a sistematização das informações-chave de cada estudo selecionado, criando um banco de dados para a etapa final da pesquisa.

As informações extraídas dos artigos selecionados e depositadas na tabela 1 incluíram: nome dos autores, título do trabalho, tipo de trabalho, local de publicação e ano. Após a organização dos artigos escolhidos, foi realizada uma análise detalhada dos mesmos, visando identificar padrões e categorias (GIL,2010). Essa etapa marcou o início da análise e discussão dos resultados, permitindo uma compreensão mais profunda dos achados da pesquisa.



Tabela 1: Trabalhos Seleccionados pela Pesquisa.

Nomes do Autores	Título do Trabalho	Tipo de Trabalho	Local de Publicação	Ano
DEBIAZI, L.; MENEGUZZI, C.	O autodiagnóstico de TDAH expressado no twitter	Artigo	Revista FT	2023
MOREIRA, I. C. S.; DELGADO, A. C.	Autodiagnóstico e automedicação decorrentes do acesso às redes sociais: uma análise crítica	Artigo	Centro Universitário UMA - Barreiro	2023
MAGALHÃES, J. R.	Os perigos do autodiagnóstico pela internet	Artigo	Agência Universitária de Saúde	2023
RODRIGUES, E. M.; MORAIS, R. K.; FERREIRA, S. L.	Autodiagnóstico e os fenômenos das redes sociais	Artigo	Desenvolvimento Sustentável e Inovação	2023
SILVA, A. C. L.; SOUZA, I. V. F.; SANTOS, R. K. S.	Impacto da era digital na saúde mental dos jovens	Artigo	Centro Universitário Brasileiro -Recife	2023
CANUTO, A. L.; LARANJEIRAS, N. R. W. S.; ALENCAR, V. V. LOPES, A.	O uso excessivo das tecnologias digitais e seus impactos nas relações psicossociais em diferentes fases do desenvolvimento humano	Artigo	Ciências Biológicas e de Saúde - UNIT Alagoas	2021
CEREJA, M. T. J.; NOBRE, T. L.	O uso da internet e a relação com o sentimento de ansiedade em jovens entre 18 a 25 anos	Artigo	Leopoldianum,	2018
BORDIGNON, C.; BONAMIGO, I. S.	Os jovens e as redes sociais virtuais	Artigo	Pesquisas e Práticas Psicossociais - São João Del Rei	2017
FARIAS, N. G.	Fiz logout do mundo: dependência de redes sociais patologia moderna ou nova forma de subjetividade?	Artigo	UFRJ, Rio de Janeiro.	2015
SILVA, P. R.; VASCONCELL OS C. L. D.	As novas tecnologias de autocuidado e os riscos do autodiagnóstico pela internet	Artigo	Rev. Panam Salud Publica	2009

Fonte: Lima (2024).

A pesquisa em questão emprega o foco descritivo proposto por Gil (2010), que visa fornecer uma descrição detalhada e objetiva dos artigos estudados. Este enfoque busca identificar e categorizar as características principais do tema em análise.

O foco descritivo de Gil (2010) envolve quatro características analíticas:

1. identificação de padrões – reconhece relações entre variáveis.



2. análise de tendências – identifica mudanças ou tendências nos dados.
3. desenvolvimento de categorias – cria categorias para organizar os dados.
4. interpretação crítica dos resultados – discute os achados à luz da literatura.

A leitura cuidadosa dos artigos selecionados apresentados na tabela 1 permitiu que os temas abordados fossem organizados e categorizados de maneira explícita, favorecendo uma análise qualitativa da pesquisa. Dessa forma, surgiram quatro categorias analíticas temáticas: A Juventude Atual e sua Relação com as Novas Tecnologias de Comunicação, Contextualizando Saúde Mental nos Adolescentes, Internet e o Impacto das Redes Sociais na Saúde Mental dos Adolescentes. Saúde Mental, Autodiagnóstico e os Riscos do Autodiagnóstico pela Internet nos Adolescentes, descritas anteriormente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão bibliográfica integrativa sobre a influência da autoidentificação patológica na saúde mental de jovens na era digital revela um panorama complexo e multifacetado. A análise das fontes revisadas destaca a crescente relação entre o uso das redes sociais e o autodiagnóstico de psicopatologias entre adolescentes no Brasil, evidenciando como as novas tecnologias de comunicação moldam a percepção que os jovens têm deles mesmos e de suas condições psicológicas.

As categorias identificadas — a juventude atual e sua relação com as novas tecnologias, a conceitualização da saúde mental, o impacto das redes sociais na saúde mental e os riscos associados ao autodiagnóstico — ressaltam a necessidade de uma abordagem crítica e informada sobre o uso dessas plataformas. A evidência de que os jovens estão cada vez mais propensos a buscar informações sobre saúde mental na internet, muitas vezes sem o devido suporte profissional, aponta para um risco significativo de diagnósticos errôneos. Em um mundo cada vez mais digitalizado, os profissionais de psicologia desempenham um papel crucial no apoio aos jovens a desenvolver uma relação saudável e consciente com a internet.

Portanto, é imprescindível promover uma educação digital que capacite os jovens a navegarem criticamente pelas informações disponíveis nas redes sociais, além de incentivar um diálogo aberto sobre saúde mental que envolva não apenas os indivíduos, mas também famílias e profissionais da área.



O presente artigo científico aborda a complexidade do tema em estudo. No início desta produção, um estudo de caso seria um instrumento exploratório, devido à profundidade do assunto, destacando a importância da integridade metodológica e da imparcialidade da pesquisa em questão, devido a questões burocráticas, a realização de um estudo de caso foi inviabilizada pela necessidade de aprovação de um comitê de ética, que requereria mais tempo do que o disponível. Assim, optou-se por uma revisão bibliográfica integrativa como alternativa metodológica eficaz para compilar e analisar criticamente a literatura existente sobre o assunto.

Este estudo contribui para a compreensão das dinâmicas contemporâneas da saúde mental juvenil e abre espaço para futuras pesquisas que possam aprofundar a discussão sobre intervenções eficazes nesse contexto.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da sobre modernidade. Lisboa: Bertrand Editora, 1994.

ABRAMO, H. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Escrita, 1997.

BANDURA, A. **Self-efficacy**: The exercise of control. New York: W. H. Freeman and Company, 1997.

BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: a social cognitive theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.

BECK, U. **A reinvenção da política**: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: A. Giddens, U. Beck & S. Lash (Eds.), *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, Trad. M. Lopes, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BECK, J. S. **Terapia cognitiva: teoria e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BORDIGNON, C.; BONAMIGO, I. S. Os jovens e as redes sociais virtuais. In: **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, 2017.

BOURDIEU, P.; CHAMBORDON, J. C.; PASSERON, J. C. **El oficio de sociólogo**: presupuestos epistemológicos. Argentina: Siglo Veintiuno, p. 27-50, 2002. (Primera parte: la ruptura).

BOYD, D., Ellison, N. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13, p. 210-230, 2008.



BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais de qualidade para educação superior a distância**. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com_content&task=view&id=248&Itemid=426. Acesso em: 20 set. 2024.

CAETANO, H; MIRANDA, G. L; SOROMENHO, G. Comportamentos de risco na internet: um estudo realizado numa escola do ensino secundário. In: **Revista Latinoamericana de Tecnologia Educativa**. 2010. Disponível em: <http://campusvirtual.unex.es/revistas/index.php?journal=relatec>.

CANUTO, A. L.; LARANJEIRAS, N. R. W. S.; ALENCAR, V. V.; LOPES, A. O uso excessivo das tecnologias digitais e seus impactos nas relações psicossociais em diferentes fases do desenvolvimento humano. In: **Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, Alagoas, 2021.

CARDOSO, F.; LADISLAU, C.; NETO, G.; ALVES, R. Redes sociais e sociabilidade: práticas e percepções acerca do uso do Facebook no lazer. In: **Rev. Licere**, v. 22, n.1, p. 91-121, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/12312/9870>. Acesso em: 07 de out. de 2024.

CARDOSO, G. (1998). Contributos para uma sociologia do ciberespaço. In: **Revista Sociologia Problemas e Práticas**, n. 25. CIES, 1998. ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. https://www.researchgate.net/publication/301789423_Contributos_para_uma_sociologia_do_ciberespaço. Acesso em: 19 de maio de 2024.

CARR, N. **As Dificuldades**: O que a internet está fazendo com nossos cérebros. Nova York: W. W. Norton & Company, 2010.

CEREJA, M. T. J.; NOBRE, T. L. O uso da internet e a relação com o sentimento de ansiedade em jovens entre 18 a 25 anos. In: **LEOPOLDIANUM**, 2018.

COSTA, R. C. **O uso de e-portfólios na aprendizagem de alunos do Instituto Federal de Educação**. Ciência e Tecnologia do Maranhão/ Campos Codó. Dissertação (Mestrado). Curso de programa de pós-Graduação em Educação Agrícola, Departamento de Solos, Instituto de Agronomia, Seropédica. Rio de Janeiro, 2009.

DAYRELL, J. Juventude, grupos de estilo e identidade. In: **Educação em Revista**, n. 30, p. 25-39, dez. de 1999.

DEANGELIS, T. H. H. W.; MATSUMOTO, N.; KAWAMURA, M. **Cibercondria: uma revisão sistemática da literatura**. In: **Journal of Medical Internet Research**, v. 22, n. 9, e19631, 2020.

DEBIAZI, L.; MENEGUZZI, C. **O autodiagnóstico de TDAH expressado no Twitter**. In: **Revista FT**, 2023.

DIAS, V. ; VIOLA, D. ; GOMES, P.; LIMA, N. ; KELLES, N.; SILVA, C. Adolescentes na rede: Riscos ou Ritos de passagem?. In: **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 39, p. 1-15, 2019.



Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v39/1982-3703-pcp-39-e179048.pdf>. Acesso: 10 out. 2024.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000400020&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 nov. 2024.

DURLAK, J. A., WEISSBERG, R. P., DYMNIKI, A. B., TAYLOR, R. D., & SCHELLINGER, K. B. (2011). O impacto do aprimoramento das habilidades sociais e emocionais dos alunos: Uma meta-análise de intervenções universais em escolas. In: **Desenvolvimento Infantil**, v. 82, n. 1, p. 405-432, 2011.

ERCOLE, F. F; MELO L. S; ALCOFORADO, C.LG.C. Revisão integrativa *versus* sistemática. In: **Rer Min Enferm**, v. 18, n. 1. 2014.

Erikson, E. H. **Crescimento e crises**. In: MILLON T. Teorias da psicopatologia, 1979.

FARIAS, Natyelle Gonçalves de. **Fiz logout do mundo: dependência de redes sociais patologia moderna ou nova forma de subjetividade?** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro/RJ, 2015.

FRANCO, G. de R.; RODRIGUES, M. C. Autoeficácia e desenvolvimento positivo dos jovens: uma revisão narrativa da literatura. In: **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 4, p. 2267-2282, dez. 2018.

FREITAS, M. V. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FREIXO, M.J. **Teorias e Modelos de Comunicação**. Lisboa. Instituto Piage, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUERRA, Arthur. **As redes sociais estão estimulando o autodiagnóstico de transtornos mentais?** Forbes Brasil, 26 set. 2023. Disponível em: [<https://forbes.com.br>] (<https://forbes.com.br>). Acesso em: 05 nov. 2024.

KESSLER, R. C.; BERGLUND, P.; DEMLER, O.; Jin, R., MERIKANGAS, K. R. **impactos na saúde mental em adolescentes**. Trabalho de Conclusão. 2022.

Walters, E. E. Prevalência ao longo da vida e distribuições de idade de início dos transtornos do DSM-IV na Pesquisa Nacional de Comorbidade - Repetição. In: **Arquivos de Psiquiatria Geral**, v. 62, n. 6, p. 593-602, 2005.

KOWALSKI, R. M.; GARRAMUÑO, L.; HAWKER, L. Cyberbullying: uma revisão da literatura. In: **Australian Journal of Guidance and Counselling**, v. 24, n. 1, p. 1-15, 2014.

KROSS, E.; BLICK, K.; KIM, J.; NUSBAUM, H. C.; HUNT, J. M.; GROSS, J. J. O uso do Facebook prevê quedas no bem-estar subjetivo em jovens adultos. In: **PLOS ONE**, v. 8, n. 8, e69841, 2013.



MAGALHÃES, J. R. **Os perigos do autodiagnóstico pela internet**. Agência Universitária de Saúde, 2023.

MATOS, K. A.; GODINHO, M. O. D. A influência do uso excessivo das redes sociais na saúde mental de adolescentes: uma revisão integrativa. In: **Revista foco**, [s. L.], v. 17, n. 4, p. e4716, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco. v17n4-035. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4716>. Acesso em: 5 de nov. de 2024.

MAZENOTTI, A. O impacto das tecnologias digitais nas relações interpessoais. In: **Revista Brasileira de Educação e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-34, 2012.

MAZIERO, M. B.; OLIVEIRA, L. A. Nomofobia: uma revisão bibliográfica. In: **Unoesc & Ciência - ACBS**, v. 8, n. 1, p. 73-80, 2016.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6. 1997.

MOREIRA, I. C. S.; DELGADO, M. C. **Autodiagnóstico e automedicação decorrentes do acesso às redes sociais**: Uma análise crítica. Centro Universitário UMA, Barreiro, 2023.

MOREIRA, J. de O. Mídia e psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade. In: **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 20, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2010000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 maio 2024.

MOREIRA, P. S. (2010). **O impacto da internet nas relações humanas**. Pósgraduação “Lato Sensu”. Instituto a vez do mestre, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro. http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t206277.pdf. Acesso em: 11 de mar. de 2019.

OLIVEIRA, J. A. de; ALMEIDA, R. de O. Juventude e novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo redes de significados. In: **Rev. NUFEN**, Belém, v. 6, n. 2, p. 70-89, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 de nov. de 2024.

ONU - **Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU**. Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitos_humanos.php>. Acesso em :16 maio de 2024.

PAPALIA, D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. 12, São Paulo: AMGH, 2013.

PATTON, G. C., et. al. Nosso futuro: uma comissão da Lancet sobre saúde e bem-estar dos adolescentes. In: **The Lancet**, v. 387, n. 10036, p. 2423-2478, 2016.

PEREIRA, M. R.; GURSKI, R. A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adulez. In: **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 376-383, 2014.



PERLOFF, R. M. Efeitos das mídias sociais nas preocupações com a imagem corporal de jovens mulheres: perspectivas teóricas e uma agenda para pesquisa. In: **Sex Roles**, v. 71, n. 11-12, p. 363-377, 2014.

PRADOS, M. **Ciberbullying. Uma autêntica realidade**. III Congresso Online Observatório para la Cibersociedad: Conocimiento abierto, sociedad, 2006. Disponível em: <http://www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?llengua=es&id=925>. Acesso em: 05 de maio de 2020.

REIS, M. S.; RIBEIRO, L. M.; PEREIRA, A. G. **Adolescência e saúde mental**: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 9, n. 2, p. 45-52, 2013.

REIS, M; SALGADO, R.; REZENDE, E. **O autodiagnóstico dos transtornos psiquiátricos nas redes sociais**, 2021. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/18301>. Acesso em 25 de out. de 2024.

RODRIGUES, E. M.; MORAIS, R. K.; FERREIRA, S. L. **Autodiagnóstico e os fenômenos das redes sociais**. *Desenvolvimento Sustentável e Inovação*, 2023.

ROSEN, D. L.; WHALEN, C. C.; WAGNER, J. **A síndrome da vibração fantasma**: uma possível causa de ansiedade e distração no ambiente de trabalho. In: **Journal of Occupational and Environmental Medicine**, v. 56, n. 8, p. 814-817, 2014.

SILVA, A. C. L.; SOUZA, Í. V. F.; SANTOS, R. K. S. **Impacto da era digital na saúde mental dos jovens**. Centro Universitário Brasileiro, Recife, 2023.

SILVA, D. G. F. da; GONDIM, L. S. de S. Tecnologia e adolescência: Influência nas relações interpessoais e na construção de identidade. In: **Revista Construção Psicopedagógica**, São Francisco, v. 32, n. 33, p. 90-104, 2021.

SILVA, L. M. da; SILVA, M. F. da; MORAES, D. C. a internet como ferramenta tecnológica e as consequências de seu uso: aspectos positivos e negativos. In: **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXIV, N°. 000055, 07/05/2014. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/internet-como-ferramenta-tecnologica-e-consequencias-de-seu-uso-aspectos-positivos-e> Acessado em: 28/10/2024.

SILVA, P. R. V.; CASTIEL, L. D. As novas tecnologias de autocuidado e os riscos do autodiagnóstico pela internet. **Revista Panam Salud Publica**, 2009.

SPOSITO, M. Estudos sobre juventude em educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 5, n. 6, p. 37-52, maio-dez. de 1997.

TURKLE, S. **Sozinhos Juntos**: Por que esperamos mais da tecnologia e menos uns dos outros. Nova York: Basic Books, 2011.



TWENGE, J. M.; JOINER, T. E.; ROGERS, M. L.; MARTIN, G. N. Aumento dos sintomas depressivos em adolescentes e jovens adultos de 2005 a 2017: Evidências de duas pesquisas nacionais. In: **Medicina Psicológica**, v. 49, n. 10, p.1-9, 2019.

VALKENBURG, P. M.; PETER, J. Online communication among adolescents: An integrated model of its attraction, opportunities, and risks. In: **Journal of Adolescent Health**, v. 48, n. 2, p. 121-127, 2011. Doi: 10.1016/j.jadohealth.2010.08.020.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madri: Visor, 1996.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

